De Como A Geografia Pode Contribuir Com A Leitura Do Movimento, Enquanto Corpo Teórico Em Movimento: Breve Releitura De Teses Marxistas

Debido a la geografía puede contribuir a la lectura de movimiento, mientras que el movimiento del cuerpo teórico: breve lectura marxista de la Tesis

Because of Geography can contribute to the reading of movement, while theoretical Body Movement: Brief Marxist reading of Theses

Júlio Cézar Ribeiro

UFMS/Três Lagoas - **AGB-TL.**

Membro do CEGeT e do GADIS

jcezarr@hotmail.com

Resumo: A história da teoria marxista é tão vasta como suas práticas geográficas. Existem inúmeras formas de manifestação de idealismos e materialismos e as correntes podem até se opor entre si. O materialismo sustenta e se sustenta a partir da relação prática-teoria, mas há tanto tentativas de assassinato de concepções teóricas diferentes como assassinato dos teóricos que as defendem. O fato é que a diferença não deve ser vista como fraqueza, senão como possibilidade de aperfeiçoamento. O marxismo tenta se aproximar do espaço, haja vista que as formulações históricas e teleológicas dos pais do materialismo histórico-dialético não devem ser reproduzidas teologicamente e de modo acrítico pelos continuadores do marxismo, de épocas e lugares diferentes. Fazer isso implicaria negar os princípios do próprio materialismo: relação entre prática-teoria, real-ideia.
Palavras-chave: idealismo, materialismo, teoria-prática, espaço, movimento.

Resumen: La historia de la teoría marxista es tan inmensa como sus prácticas geográficas. Existen innumerables formas de manifestación de idealismos y materialismos y las corrientes pueden hasta si oponer entre si. El materialismo sostiene y se sostiene a partir de la relación práctica-teoría, pero hay tanto esfuerzos de asesinato de concepciones teóricas diferentes como el asesinato de los teóricos que las defienden. El fato es que la diferencia no debe verse como la debilidad, más como la posibilidad de mejora. El marxismo intenta aproximar del espacio, porque las formulaciones históricas y teleológicas de los padres de materialismo histórico-dialéctico no deben reproducirse de manera teológica y a-crítica por los seguidores del marxismo, de tiempos y lugares diferentes. Hacer eso implicaría negar los principios del propio materialismo: la relación entre la práctica-teoría, real-idea.
Palabras-clave: idealismo, materialismo, teoría-práctica, espacio, movimiento.

Abstract: The history of the Marxist theory is as vast as their geographical practices. Countless forms of manifestation of idealisms and materialisms exist and the currents can until if to oppose amongst themselves. The materialism sustains and it is sustained starting from the relationship practice-theory, but there are attempts of murder of different theoretical conceptions and murder of theoretical that they defend them. The fact is that the difference should not be seen as weakness, but as improvement possibility. The Marxism tries to approximate of the space, because the formulations historical and teleological of the parents' of the historical-dialectic materialism should not be reproduced of the theological and not-critical way by the followers of the Marxism, of times and different places. To do that would implicate to deny the principles of the own materialism: relationship among practice-theory, real-idea.
Key word's: idealism, materialism, theory-practice, space, movement.

Para Ruy Moreira e Thomaz Jr.

Introdução à teoria e metateoria, passando pelo método que as articulam na rede de conceitos

Qual a razão para meditarmos sobre movimento e teorias materialistas, especialmente as marxistas? Por aterem-se ao movimento em toda a plenitude da pujança (revolucionária), o que primeiro vem à mente.

Prontamente nota o leitor que planeamo-nos a um exercício epistemológico. Depressa outra vez deduzirá não se tratar de qualquer epistemologia, essa tão caluniada prática da era pseudo-apolítica, positivista (superempírica e tecnicista) e idealista[1].

Nossa tarefa é diametralmente distinta da estéril "viagem" gnosiológica de filósofos idealistas, que vagueiam por terras de elucubrações abstratas e contemplações vãs, intentando atingir estados orgásticos com corpos sinuosos de ideias abstratas.

Diante do largo leque de epistemologias, da clássica à moderna (DUTRA, 2010) e para discordarmos das encaixadas no plano *puramente epistemológico*, expressões *estruturalistas* e *formalistas* do *neopositivismo* althusseriano, bem como divergirmos da concepção estruturalista do materialismo histórico (divisada do materialismo dialético) e da *ontologia existencial* (heideggeriana), que sintetiza a epistemologia sartreana, dentre inúmeros formatos de *filosofias da vida*, *paraidealistas*, que invariavelmente se prestam à edificação de *historicismos subjetivos*, é que nos envolvemos com a *epistemologia materialista*, capaz de igualar-se à *ontologia materialista*, apta a entender os materialismos histórico e dialético como partes diversas duma unidade (totalidade concreta; dialética entre universal, particular e singular), enquanto junção do histórico com o sistemático e do genético com o ontológico (COUTINHO, 2010).

A epistemologia deve ir ao encontro da ontologia. O alvo de convergência deve ser a realidade; o método do materialismo marxista, a ponte. A história das ideias deve ter sua unidade estabelecida com as ideais da história (geografia). Dizemos unidade porque não se trata de identidade ou distinção absoluta entre pensamento e realidade, mas aproximação relativa, enquanto unidade na diversidade.

Empenhamo-nos, a classificação é nossa, pela *epistemologia da práxis*[2], pois concebemos a epistemologia o inverso da pura, idealista, estruturalista e neopositivista teorização: temo-la como o exercício do deslocamento o mais rápido e seguramente possível ao mundo concreto do vivido, pois ela permite achegarmo-nos mais velozmente aonde já estamos, propiciando divisar fielmente o real que repetidamente tão só (pré)sentimos e (pré)meditamos.

Pela concretude histórico-geográfica, quem sabe possamos nominar o exercício como *geoepistêmico*: o da busca pela Geografia do Movimento (que não se desfaz do olhar sobre as permanências), pela Geografia do Presente (que não subestima o olhar ontogenético dos eventos), pela Geografia do Conhecimento (não divorciada da prática) (RIBEIRO, 2009a) ou pela Geografia da Práxis (atinente à relação teoria-prática conscientemente comprometida com o movimento do real, prontificada a converter interdisciplinaridade em transdiciplinaridade, senso comum e aparente em ciência-teórica e ação-ciente[3]).

A geoepistemologia só poderia expor-se, diante disso e sem tergiversar, como odisseia desmistificante, como processo de identificação de dimensões usualmente estranhadas.

[1] A epistemologia positivista e idealista é a atividade teórica que foge da contradição da empiria para afugentar - se no universo fenomênico da ideia. À epistemologia materialista há paridade de valores entre ideia e empiria, e a contradição é o recheio de ambas.

[2] Objetivo que não é só nosso, mas de qualquer marxista consequente. Moreno (2007, p. 22-24) citou as contribuições de Lefebvre e Novack, que têm fontes e pontos de convergências comuns, embora tenha enaltecido o linguajar e postura militante-revolucionária, menos acadêmica, do segundo marxista.

[3] Nesta ótica geoepistêmica, a geografia da práxis guarda semelhança com as concepções gramscianas da filosofia da práxis e do intelectual orgânico, e pleiteia decifrá-los por dentro do complexo metabólico capitalista, por intermédio da sua expressão sócio-territorial.

Alguns verão neste trabalho um expor metafísico. Estarão corretos se se valerem da noção de *metafísica objetiva* (LEFEBVRE, 1995, p. 54; RIBEIRO, 2001, p. 78-79). Tachando-a de abstração frívola e decepada do real, achar-se-ão redondamente enganados. A análise é metafísica, de uma metafísica objetiva e materialista, validada pela relação dialética entre os concretos *real* e *pensado* (KOSIK, 1995).

As temáticas tratadas, todas *meta*físicas, não podem por esse motivo receber o carimbo de *meta*concretas, sendo-lhes indigna a tacha idealista; julgamos quiméricas as teorias que não se prestam ao meditar ontológico[4].

Exponhamos agora, preâmbulo feito, a nossa concepção teórica a respeito da teoria, por ela encontrar-se enlaçada à visão de mundo que comungamos.

De prontidão, confirmamos o teorizar como experimentação mental do mundo, empreendida, simultaneamente, ao vivenciar dos fenômenos, mediante a qual nos vemos na condição de experimentador (experienciações pessoais, imediatas, diretas) ou experienciando (experienciação de experiências alheias, mediatas, indiretas). Tornando o mundo que se nos antepõe sensoriamente como caos, realidade cosmizada.

Saboreamos o mundo porque o alimento do *saber* nele reside e dele nos servimos em banquete. Da vivência e experienciação imediata e indireta de sabores e dissabores é donde erigimos os saberes.

Visão articulada sobre o real, a teoria nasce da mãe-empiria e a menos que como impródiga filha-idealista resulte perfilhada, à empiria a filha-teoria primogênita regressa de mãos dadas com a práxis para reaquecer-se na charneira do real. Tal é o casamento materialista entre teoria-empiria, sacramentado pela *práxis*[5].

O resultado da problematização cumprida sobre os concretos real e pensado, mundos exterior e interior, alter e eu, superego e ego, isto define a teoria. Pela copiosa hiperalienação despejada pelos bombeiros do *stablishment*, os que de tudo fazem para apagar chamas desfetichizantes, teorizar tem-se tornado um ato dissaborido e deveras dificultoso, por encontrarmo-nos/desencontrarmo-nos na forma/disforme de visíveis/invisíveis. Vertem então teorias dirigidas a libertar e outras mais para apresar, sendo o produto desse cabo de guerra a pintura da luta de classes na tela da mente[6].

A metateoria, por seu turno, possui uma espécie de parentesco em segundo grau com a teoria. Quando bem formada nos braços da objetividade do método dialético-materialista, de sua companhia deriva bons frutos à família da ciência; do contrário, recai ela no gueto nebuloso da metalinguagem.

Se a teoria é o discurso interpretativo do real e a corrente teórica a rede de conceitos costurada pelo método, a metateoria por-se-ia como o discurso do discurso em nível elevado de abstração, qual ramificação prolongada na árvore do saber (como registraram em suas obras, cada qual à sua maneira, o pluralista geógrafo Armando Corrêa da Silva e o marxista filósofo magiar, István Mészáros). Noutros termos, como a teoria é a consequência hermenêutica do real problematizado e os conceitos o concreto em pensamento, a metateoria está para a abstração teórica do concreto conceituado, como movimento cognitivo, decodificador, dos determinantes estruturais e nexais da realidade, inclusive os de pormenores mais sutis.

Figurativamente, podemos descrever que o método está na raiz do saber em contato com o solo social da empiria e que quanto mais alta é a árvore do conhecimento, regada pela práxis (cultivo) do pensador (cultivador), mais maciço é o tronco da teoria. Ao passo que nas ramificações altivas, amiúde mais frágeis, está a metateoria a acionar prospecções dialéticas, esquadrinhando potencialidades e causalidades; exercício que torna capital o domínio do

---

[4] Mais do que neologismos (geo-ontologia, por exemplo), temos de ocupar-nos com a recuperação do sentido materialista da ontologia (estudo da essência do ser concreto), desintoxicando a cognição dos vícios analíticos atópicos, que por longa data entorpeceram tanto a filósofos como a geógrafos.

[5] August von Cieszkowski foi quem primeiro usou essa palavra nos *Prolegômenos à filosofia da história*, propondo uma filosofia da ação opositiva à filosofia especulativa hegeliana (NETTO, 2009, p. 14).

[6] Quando enterrada, a sociedade classista dividirá sua tumba com ideologias e ideólogos hegemônicos. Ignorância existirá, mesmo na sociedade emancipada, por que derivativa do movimento que instala o novo, porém, sob a forma de *reificações inocentes*.

silogismo da essência (LEFEBVRE, 1995), pois tanto a dedução como a indução, provenientes do húmus cultural produzido socialmente (prática-empiria-reflexão), compõem a seiva de que se nutre a ciência.

Deparamo-nos com a coluna do saber: práxis(meta)teoria.

Antes de aprofundarmos essa questão e para negar a "guetificação científica", cumpre informarmos que o materialista marxista poder visitar outras teorias desde que não se encharque com ecletismos e que mantenha de pé seu mirante genético de leitura de mundo (método), prevenindo-se de pluralismos e ecletismos metódicos. O conhecimento da *situação* experienciada no ser é deveras primordial, tendo em vista a determinidade ontológica da visão de mundo encontrar-se atrelada à força gravitacional exercida pela classe a que se pertence, sob determinada conjuntura espaço-temporal[7].

Afora os *pré*-conceitos, tem muitas formas o materialismo[8]. As teses devem ser diferidas, conflitadas e confrontadas entre si (dialética) até que na apresentação da extrema vulnerabilidade (antítese) se opte pela superação das mesmas (síntese).

Quando o idealismo é o fulcro metódico, alguns dos discursos sobre o real é que o real é a ideia dele projetada: não é o mundo que é apreendido na mente pela ideia (relativamente verdadeira ou falsa), ela que se externa no mundo como expressão absolutória do Absoluto (Verdade Suprema). O mundo é ideado como re(a)presentação do Ser Absoluto manifesto nos entes fenomênicos. O real é aquilo que o sujeito *pensa*; especificamente a gregos como Platão e Sócrates a ideia foi arquitetada como exterior ao mundo físico e os objetos e seres nada mais simulavam que cópias imperfeitas do Perfeito Mundo das Ideias. Ratificando que a doutrina idealista possui muitos flancos interpretativos: uns menos, outros mais subjetivos. A bem da verdade, quase nunca é total a cisão entre as esferas dos concretos real e pensado, por mais idealista que a pessoa seja; há movimentos pendulares entre as mesmas – e as figuras nietzschianas do super-homem e de Zaratrusta atestam o berço histórico-concreto[9].

Observemos, a propósito, o momento mitológico grego do quinto século anterior à era cristã em que imperava a consciência mítico-imagística que concebia a alma humana e a natureza como expressões da totalidade divina *personal* (GREUEL, 1998, p. 18), sem exclusão ao fato de que o homem dessas religiões primitivas já refletia sobre a experiência vulgar, atinando a "imagens sensíveis" e "conceitos grosseiramente formados" bem antes do surgimento da ciência e do método, entendidos habitual e apressadamente como estágios supremos de expressão da razão (DURKHEIM, 2003, p. 42). Incidentes que testemunham que outros modos de pensar, sob diversas culturas do *outro* (caso das comunidades índias), possuíam certo grau de razão, não-científico, mas incontestavelmente com perguntas-e-respostas-sendo-encadeadas à apreensão cósmica do real; pouco importa se na raia "mitológico-idealista", conta o fato de os saberes advirem da experiência, objetivando reordená-la (RIBEIRO, 2001, p. 105-106).

Qual a explicação radical a esse transe de concepções, tidas como *primitivas* e *modernas*? Quais os marcos divisórios a esses cosmos e a suas correlatas visões?

As ideias, visões e razões de mundo modificam-se na medida precisa/imprecisa e ligeira/morosa em que muda a materialidade/imaterialidade do mundo. Disso depreendemos que para a representação da bondade do *týranno* metamorfosear-se em ruindade (La Boétie) e para as *posições teleológicas secundárias* imporem-se às *primárias* (Lukács), foi necessário mais que a luta de ideias sobre as coisas, foi preciso a luta transformante das coisas reais radicais a partir de sujeitos (classe) organizados em prol de interesses particulares (disciplinar), tendo por plataforma locais singulares (polis). Aliás, essa é a bifurcação histórico-geográfica que tira o sono de eleatas, pirrôncos, montaigneanos, positivistas e conservadores do regime, dos que se esforçam em negar o movimento ou apresentá-lo, no máximo, sob o molde organicista, imune a revoluções.

[7] Não devemos permitir que disso se teçam camisas de força ideológica, como a da "ciência proletária" soviética que na Guerra Fria enaltecera o Estado, ou com a instrumental ciência norte-americana. Arquirrivais com vírus epistemológicos endêmicos, letais aos preceitos da verdade e da revolução.

[8] Caso do jônico, p.ex. Que fique claro, porém, nossa opção pelo materialismo histórico-dialético.

[9] O Nietzsche cético não deixa de proferir críticas ao mundo social, em que pese faltar -lhe a energia para achar as frestas do rompimento, coletivo e concreto.

Foi com o transpassar dos tempos e o transcursar dos espaços e o sobrepor de outros modos de produção (produção não só de coisas como de ideias sobre as coisas e o ser) que da imagem e do mito transitamos ao logos, ao conceito, ao método. Do estado onírico (órfico) transladamos ao lúcido (duma lucidez no cochilo classista estranhada). Não demorando que se operasse, depois do distanciamento homem/homem, o afastamento homem/natureza (natureza que de continuum e cósmica foi-se delineando sócio-secretora), a ganhar célere visibilidade territorial (polarização público/privado).

Pensar o mundo alude à definição, conceitu*ação*, à ação mental e social.

Demócrito, Sócrates, Platão e Aristóteles, ao que se sabe, foram os que inauguraram o conceito no trecho temporal que vai do 4º ao 3º século a.C., período clássico da filosofia ocidental, geografia das clássicas classes escravistas. No século 5 a.C., durante o helenismo, portanto, predominou a "instrumentalização" do saber como meio de conseguimento da Felicidade. Postura também perseguida entre os séculos 5 e 14 sob o auspício da filosofia escolástica europeia, na qual a busca pela felicidade será trocada pela certeza da Verdade Religiosa, sob outro modo de produção da vida, das ideias e conceitos. No irromper da modernidade é que foi recobrada a dimensão teórica do pensar como valor-em-si (autoconsciência do pensar cartesiano e do antidogmatismo baconiano), que daí por diante voltar-se-á ao instrumentalismo e à prática do poder, posto que a busca pelo clássico paraíso celeste medievo será substituída pela caça do moderno paraíso terrestre do consumo, drenando o antiquíssimo vale de lágrimas no qual se afogava em fetiches religiosos o decaído Homem pecaminoso de outrora para jorrar por sobre ele os fetiches economicistas que enformarão o *homo oeconomicus* sob gérmen, tornando à frente a própria economia uma religião e o capital seu deus.

Estava aceso o Espaço das Luzes. Com perseverança buscava-se soprar para longe a negritude obscurantista da longa noite medieva.

Há que ser dito, contudo, que os combates infra e superestrutural dos modos de produção geográficos feudal e capitalista não representaram a idealística batalha entre Bem e Mal. O pragmático e vitorioso eletricista burguês soube causar curto-circuito nas Luzes da Razão ao improvisar o "gato" da sua linha ontológico-libertária ao instrumental-conservantismo, redirecionando a energia do salto revolucionário à órbita das aspirações da nova classe, de seu círculo de relações e conceitos emergentes.

Hoje, pós-modernos e pós-marxistas, surfistas da marola ideológica aventada como *onda rosa*, repercutem como papagaios o *pensamento único*, celebrando o mercado como praia paradisíaca em que todos podem desfraldar-se ao sol, pleiteando fazer dessas ideias razões absolutas, alheias à substância do modo de produção vigente.

À parte disso, desembaraçando o visor para não ser arrastado por tsunamis ideológicas idealistas, nas orlas esquerdas navega o materialista. Ruma à ciência autêntica. Peneira nas correntezas da alienação os gravetos de verdades relativas com os quais entrança a jangada do saber com feixes selecionados de razões históricas; e o faz desviando-se dos vendavais pseudocausais do real, oriundos da nova santíssima trindade (capital-Estado-trabalho alienado).

Contra isso o materialismo desempenha o seu papel, inclinando-se à caça da verdade, pois a esse método o mundo *é* independentemente do *pensar*, sentir e querer do sujeito ou classe; ainda que tais aspectos não devam ser recusados por completo na formulação da verdade, seja porque a razão guarda muito de emoção, seja porque a fantasia e a virtualidade (inocentes) fazem parte da realidade (perversa). A cautela é providencial tanto para que o pensador não seja considerado evento oriundo de congênita fatalidade idealista (máxima cristã do amaldiçoado decaído), como para não ser negado em toda a sua complexidade emotiva e sensitiva (axioma positivista), como para que a análise não se enviese ao objetivismo unilateral que equipara homens a cadeiras (concepção estruturalista). A altercação da imediaticidade sensitiva é essencial para interagirmos com a mediaticidade da racionalidade objetiva, por meio da qual desviamo-nos de materialismos vulgares e de teorias adeptas de objetivismos parciais.

Como momento passivo de recepção dos estímulos externos, a *sensação* é o ponto de partida ao refletir mediante a *percepção*, quando o apreendido pelos múltiplos mecanismos

sensórios é transportado ao reino da *reflexão* a partir da condição situacional do *lugar* vivido. Esta a relação existente entre sensação-sentimento, emoção-razão, percepção-concepção, prática-teoria, local-global, estar-ser.

Esta é uma das inovações do pensamento de Aristóteles, a quem a ideia revelou-se inteligível com base no mundo físico, unindo forma-conteúdo à busca da verdade, qual processo de conhecimento que, terrenizando-se, esculpia-se mais racional e sistematizante que o platoniano. O conhecimento da essência do ser, à filosofia natural aristotélica, pressupunha a descrição da soma das qualidades, estudos sobre as processualidades constitutivas, o movimento e a realização da potência pretérita que ao passo em que se realiza paradoxalmente teima em pôr-se em xeque.

Ao materialismo, sígnico e imagético devem ser reinterpretados na relação dialética em que o conhecido e o real se metamorfoseiam simultaneamente: muda a intelecção que apreende o real e varia este pela dialética da *natureza-totalidade*[10].

Em primeira instância, no entanto, não é a ideia projetada do real que faz com que os métodos se assemelhem ou não. A desconexão metodológica pelo apartamento processual do sujeito com o objeto, sim. Exemplifiquemos: no idealismo o intelectual quer que o objeto seja aquilo que ele concebe, a ponto de negar o real, desacreditá-lo e anormalizá-lo se se distar dos resultados das *leis naturais* dos fatos prejulgados, jogando para debaixo do tapete da ciência tudo o que supõe cizânia; sob esse aspecto, aliás, a conduta dominante na Geografia (geógrafos) fornece-nos um paralelo, pois o comportamento clássico dessa ciência-garçom foi corriqueiramente o de servir em bandeja recursos ao capital, travestida que estava dum determinismo natural detentor de confortável assento junto ao trono dos países imperialistas pelo contributo dado aos projetos coloniais; consequência da visão geopolítica de mundo de raiz darwiniana (luta de espécies erroneamente sinonimizada à luta de classes) com a qual Ratzel armou sua antropogeografia calcado num materialismo de causalidade simplista de leitura homem-natureza, tendo o homem por mero animal exposto às leis da energia vital e a sociedade por simples formigueiro. Acepção robusta o bastante para eivar de alto a baixo o marxismo com tipos variados de positivismos (comteano, spenceriano e durkheiminiano), atestando o lugar-comum da naturalização do ser no tempo[11].

Já ao materialismo dialético, a ideia é uma espécie de guia cauta que tem a agulha de sua bússola magnetizada pelo real, a partir da relação ser-real, por intermédio da qual o sujeito decodifica o mundo para nele reexaminar-se, para o mundo reaprender e retransformar. Ao ler a história, o indivíduo a concebe como transitória; e ao ler o espaço o tem como conteúdo de eventos e práticas sociais concretas, conjunturais e estruturais, locais e globais, públicas e privadas, falsas e verdadeiras (até porque a fábula e a ideologia possuem iguais concretudes). Ao materialismo não importa unicamente ler, mas escrever espaços, imprimindo neo(geo)grafias a partir das já presentes *heterotopias*, *protocontraespacialidades* e *contraespacialidades*[12].

Hoje o processo descentralizante do toyotismo no mundo do trabalho e no mundo vivido[13], via multiplicação de postos de trabalho e empregos por fora do chão da fábrica, fornece indícios aos novos movimentos radicais[14]. Cabem a eles desafiar as teses dos fins: uma delas é a do trabalho[15], outra a da meta-narrativa[16], uma terceira, a da centralidade

[10] Como natureza-totalidade entendemos a totalidade terráquea de tudo e de todos.

[11] Como exemplares desses *sociotipos*, citamos: Darwin e a teoria da sobrevivência do mais forte, Malthus e a teoria do crescente populacional geométrico em detrimento do acréscimo aritmético de provimentos e Hegel e a teoria da sociedade burguesa como reino animal do espírito.

[12] Antepomos estes termos a território, estimado por culturalistas e fenomenólogos. Exceto raras exceções, cremos que o território pertence ao capital e atine a poder. Inquieta-nos os estudos sobre "identidades" na era da hiperalienação. A *identidade de classe para si* é que deve ser reencorpada.

[13] O mundo vivido, de que se ocupam especialmente culturalistas e fenomenólogos, pode ser identificado também como *morada da vida* e/ou mundo do além-trabalho – *pode*, vez que a estrutura do metabolismo do ser capitalista nada tem de estruturalista e o lar pode tornar-se extensão produtiva do chão fabril.

[14] Chamamos de movimentos radicais os que atacam o problema ontológico do ser pela raiz, buscando, diria Lukács, instituir o socialismo mediante a radicalização da democracia.

[15] Desde que e enquanto ser social, jamais o trabalho, sob sociedades classistas ou comunistas, irá desaparecer.

dos sindicatos, outrora tidos como "escolas comunistas" ou de "guerra" (expressões de Lênin, Engels e de socialistas da época); assim, ao invés de sepultados, os sindicatos precisariam ser restaurados por ações dialógico-praxistas nos mundos da produção e circulação, quiçá com o foco nas heterotopias sindicais da arena da *reprodução*. Questão que rápido deve ser pensada no contexto espaço-temporal atual.

Um dos legados à reflexão? O *método histórico-dialético* (MARX; ENGELS, 1996) que visa apropriar-se, conforme a convergência de pensamentos marxistas e acordado com o movimento do real, da *objetividade aprofundada* (LEFEBVRE, 1981), como *metafilosofia* (idem, 1995) da *dialética do concreto* (KOSIK, 1995). E talvez valha neste instante a crítica aos que querem ter Marx por mero agrupador de saberes dispostos à época, como aventa o ideário popularizado de ele tão só ter-se inspirado em Hegel (invertendo o seu pensamento), nos economistas ingleses (Smith, Ricardo, Petty) e nos socialistas utópicos franceses e ingleses (respectivamente, Saint-Simon, Fourier, Proudhon, e Robert Owen); opinião rasteira que silencia o fato de que Hegel igualmente possuía raiz teórica em pensadores ingleses e franceses do século 18. Outros detratores ressalvam a determinância epicurista em sua obra, ao alojar a *vontade humana* no mundo da matéria mecânica e atomística de Demócrito; sem contar os apontadores da dialética experimental galileana em seu constructo (QUAINI, 1991, p. 40; LEFEBVRE, 1981, p. 80-81). Ora, que todos partam do saber existente não é novidade; saibam ou não, até os idealistas o fazem. A inovação está no uso do existente para elucidar o existente não-aparente; está nos modos como foram processadas as teorias e reformulados os juízos junto ao real (método de análise da relação, combinada contraditoriamente, entre ser-real, ideação-empiria, teoria-ação).

Se quisermos alongar-nos sobre o mote das influências, pensemo-lo com propriedade. Veremos que elas podem ser identificadas, sob nossa proposição, como *mecânico-diretas* (quando o sujeito segue passivamente o concreto pensado redigido pelo teórico precedente) e *dialético-indiretas* (quando examinamos ativamente os concretos pensado e real, dando o salto). O zelo na matéria ajuda-nos a reconhecer a Engels como o primeiro a inspirar decisivamente a Marx com contributos sobre política e economia, presentes no *Esboço de uma crítica da economia política*, avaliado por quem se tornaria seu maior amigo como uma obra magistral[17]; os demais intelectuais, Marx costumeiramente "superava" (no sentido dialético-indireto dos termos).

Razão de confiarmos que a *vivacidade* do pensamento materialista marxiano sinonimiza-se à potencialidade de *nascer-para-morrer*, captando a essência do movimento acelerado que se faz contraditoriamente para se dissolver[18], mas atado ao projeto que quer ver derrubada a estrutura social junto com a ciência que a delata.

Agora, se quisermos considerar, sob o ponto de vista dialético-indireto, outras "influências" absorvidas por Marx, deveremos prestar reconhecimento às de Ludwig Feuerbach e Moses Hess, que balizaram a sua trajetória (NETTO, 2009, p. 20).

Ladeemos essa celeuma sem-fim. Importa-nos alçar as devidas distâncias que devem existir ao *menoscabo* à inovação que representa o método marxista (cuja inferiorização pretende pô-lo em pé de igualdade com outros métodos de menor envergadura explicativa) e à *glorificação* exacerbada para com alguns princípios seus (sobrevalorização que sanciona leis científicas sem o acompanhamento do movimento do real, xerocando de modo acrítico as elucubrações dos pais do materialismo histórico-dialético, que perderiam assim sua historicidade, dialeticidade e cientificidade).

Ressalvas feitas sobre o método marxista, divisando-o do idealista em suas várias

O seu conteúdo é que sempre muda, de abstrato a concreto, de corporativo a cooperativo.

[16] Contra as grandes narrativas materialistas revolucionárias ergue-se a grande narrativa idealista conservadora. Expressão da velha luta de classes levada ao extremo da ideologia pela meta-narrativa do "fim da meta-narrativa".

[17] A importância de Engels ao pensar marxiano, considerado por uns marxistas como marxiano-engelsiano, rendeu-lhe recentemente a comparação a um *segundo violino*, por Coggiola (DIAS, 2011).

[18] Dialética é movimento: para uns, dá-se na mente (idealismo); a outros, no real inapreensível (ceticismo, irracionalismo, etc.); a outros, concerne ao sólido que desmancha no ar e ao insólito a cimentar . Motivo de Marx negar-se marxista e de a História (ciência do passado) inda mudar (eis a História do Presente).

amostras, resta-nos expor sumariamente a sua recente reconstituição como *materialismo histórico-geográfico*, enfatizando que mesmo entre os que internacionalmente discorriam sobre o materialismo histórico-geográfico, como Soja e Hadjimichalis de um lado se dizendo continuadores de Lefebvre e dos contributos econômicos de Ernest Mandel e, à frente, no outro polo, Harvey, podem ser observadas distinções substanciais quanto à categoria espaço, propriamente sobre a condição de produto ou produtor. E isso pela razão de Soja, opondo-se ao grupo de Harvey, Castells, Immanuel Wallerstein, André Gunder Frank e Samir Amin (que minorava a categoria espaço para sobrelevar a de modo de produção, classes sociais e relações de produção), negar a fetichização do espaço por eles defendida, apontado os erros de análises baseadas em classes aespaciais e a necessidade de formulações que dessem conta da dialética socioespacial que permite a sobrevivência e desenvolvimento do capitalismo coevo (cf. SOJA, 1993; HARVEY, 1993, 1996; RIBEIRO, 2006)[19].

São inseridas novas dimensões no estudo dialético do movimento e das relações sociais. Quando o ponto de convergência é a realidade hodierna, ganham a Geografia e o marxismo com a campanha; o que nos leva a concluir que não deve haver dispensa ao ato de reunião de saberes históricos, nem aversão a certos estudos dialético-materialistas na atualidade (subsidiados no método marxiano), tão menos apatia ou antipatia ao fator-espaço (diálogo entre as dialéticas marxiana, leibniziana, etc.).

Retomando agora a querela idealista nos moldes do *objetivismo* (teorias unilaterais e incompletas da objetividade, instituídas de forma antecipada e isoladamente pelo sujeito como elementos do conhecimento, seja a sensação, fato, conceito ou lei científica) e do *subjetivismo* (individual – psicologismo, metafísica do eu e existencialismo – e sociológico – "consciência coletiva" do grupo ou classe), sem maiores esforços mapeamos os seus desdobramentos políticos na seara marxista, porque ambas as tendências ganharam densidade na rabeira da discussão da consciência de classe, que ambicionava nivelar Política Classista Proletária com *ciência proletária* (cooperando, entre outros, com os disparates stalinistas). No âmbito disciplinar da Geografia, tais construtos estenderam-se do positivismo e do estruturalismo às percepções culturalista e idealista do espaço e do ser. E a "filosofia da vida" é a raiz da visão "paraidealista", suporte ao historicismo (e geografismo) subjetivista (COUTINHO, 2010, p. 178, parênteses nossos).

Não é incomum aos autores navegar entre uma e outra margem, pendular entre materialismo e idealismo sem se aperceberem que a contradição manifesta na ideia é produto do transplante alienado das contradições inerentes à constituição objetiva do real, como resultado dos feitiços que os magos da economia política lançam por sobre o espírito do corpo social; podendo, ademais, ser o vício intelectual de seguir passivamente a ideais "clássicos" ("imexíveis", diria um político brasileiro), sem inquietar-se com as correspondências para com a materialidade do mundo.

Para desmistificar o imbróglio é que a todo idealismo dialético opõe-se o materialismo histórico(geográfico)dialético, provado e comprovado no real a que se pertence sem abandono da linhagem genético-estrutural do pensamento cumulado.

Perigo não tão incomum, muitas vezes ocorre de a teoria ilhar-se do real, modelando-se como idealismo justamente por elevar determinada ideia do real (realidade específica a situações e lugares) à qualidade de arquétipo-universal. Neste caso, salta à vista a profunda incapacidade de se trabalhar com as relações entre forma-conteúdo e singularidade-totalidade, pois as mediações que deveriam prestar-se a isso são invariavelmente abstratas, marginais, idealistas.

Exemplifiquemos: aproveitemos a deixa e iniciemos por Aristóteles, que ao altercar com o idealismo platônico optou por priorizar o concreto, mas por vezes retirando os pés do solo social nas especulações que criou sobre o cosmo (parte das quais responsáveis por tormentos metafísico-idealistas em meios eclesiásticos medievos, séculos depois); notemos que o mesmo fez Ricardo com a teoria da renda diferencial e a formulação abstrata da lei da tendência decrescente da taxa de mais-valia a partir do contexto histórico-geográfico do

[19] É conhecida a distinção entre sensos científico e comum (CHAUÍ, 2000). Ao lado do que poderíamos ter por senso-científico-comum, hegemônico, sobre o fato-fator instância do espaço, tem crescido os estudos sobre a ontologia do espaço (dimensão, componente social, ser do estar geográfico, etc.).

capitalismo concorrencial inglês; também fê-lo Malthus com a teoria da crescente populacional geométrica desconexa dos progressos técnicos e da potencialidade de realocamento da população no orbe sob outra organização societal, na qual cercas e fronteiras já pertencessem à memória; sem contar os economistas neoclássicos que mal disfarçam a postura ideológica no antepor do cunho "moralístico" de incansável busca pelos empresários de provimento do emprego-geral à sociedade, esquivando-se sorrateiramente da temática do lucro; ou o Lukács pré-1930, que na ilusão de enfiar mediações marginais onde deveriam estar as estruturais fez-se refém da totalidade fechada idealista, antes que a virada ontológica materialista, propiciada pelos escritos marxistas, lhe potenciasse a evolução (RIBEIRO, 2009b).

Como castelos de areia, essas (meta)teorias abstratas e idealistas ruíram facilmente ante a força do método marxiano; suas "argamassas" não passaram de gosmas ideológicas, com maior ou menor consistência, salivadas à liga do poder.

A dialeticidade do construto marxiano, consequência da coragem do autor, percorria dimensões e elementos variados, rapidamente, sem avisar e nem pedir licença, indo: do empírico (particularmente inglês) e do local (*lugaridade protoglobalizante*?) ao universal-mundo, do agora e do devir (curto e médio prazos) ao longo prazo no *tempo*, repentinamente, sem sabermos se tratava das leis gerais e problemas mais imediatos que os capitalistas enfrentavam ou do estado de determinada classe em especial conjuntura.

O quesito dialético marxista sugere, diante do exposto, dois pontos de vista: (1) a contextualização histórico-geográfica dos pensamentos de Marx e Engels ao estádio do capitalismo no qual viveram, embora isso não os impedisse de assimilar muito da essencialidade desse modo de produção, quais visionários cientistas (Ademais, sem querer aprofundar a controvérsia de Marx ter considerado em sua teoria somente o tempo, sem o espaço, é justo pontuarmos a crítica de Quaini ao Lacoste de *La géographie*, quando o último acusou o materialismo de ser órfão do espaço, já que, no reforço da posição, que Soja foi colaborador, existem seja vãos teóricos de geógrafos apegados à empiria do espaço, seja dos avessos à sua reflexão; impedindo que a força analítica marxiana seja minorada junto com o seu construto); (2) a compreensão de que a teoria por eles erigida é tão fidedigna ao real que as teses mais abarcantes sinalizam-se como potências quase irrefutáveis, de que servem de exemplos: as metateorias das crises, revoluções, do desenvolvimento desigual e combinado, da tendência decrescente da taxa de mais-valia das mercadorias, da tecno-maquinização da produção e geração de desemprego estrutural e exponencial exército industrial de reserva.

Como sabedoria científica do real, o marxismo une ciência e ação, demarcando-se como teoria voltada à práxis por parte dos oprimidos-rebeldes, deserdados de melhores condições existenciais (econômica, política, ambiental, etc.). Jamais significou receita teórica acabada, revendo-se e reposicionando-se dialeticamente com o real que objetivamente se transmuda. Ao marxismo, a prática é a mãe da teoria, a nutre e a oxigena; e qualquer que seja a constituição teórica, mormente a político-transitiva, ela deverá altear-se da realidade histórica (MARX, 2002).

À dialética materialista, não obstante, não somente a prática é mãe da teoria, como a teoria pode por vezes ela própria relacionar-se carnalmente com a prática, flertando-a, enroscando-se, fecundando-a. Não há complexo edipiano nessa questão, como pensam alguns teóricos materialistas que abdicaram, animados por *neo*tendências e ardis variados, trajados para esquivar-se de positivismos e estruturalismos, de saberes (pensares) e sabores (experiências), cultivares (pensares) e cultivadores (pensadores). Segundo o dito, a criança não deve ser jogada fora junto com a água da bacia; deve haver precaução ante a ideologia do abandono da experiência pensada.

Inversamente ao que ponderam os estruturalistas (que em regra partem da "instância" econômica ou política, apartando modo de produção e formação social, etc.), ao marxismo não importa exclusivamente de onde se parte, mas de que forma, como se parte e como se chega; a *parte* pode ser a *ponte*, o que depende menos do aspecto do real prenunciado (concebido apriorística e imutavelmente) e mais da capacidade dialética de apreensão das mediações estruturais do ser, como da habilidade para relacionar escalas e vetores (partes,

singularidades, particularidades e totalidade).

Outras motivações não teria o marxismo para ser acatado como *doutrina do movimento* e *doutrina em movimento*. Traços que a Geografia deve aprender a ler para poder na prática ajudar a escrever, como ciência da ação(geo)ciente.

Das doutrinas do movimento
Teses marxianas do final do século XIX (foco na Europa insular inglesa)

Dada a imensidão de problematizações suscitadas pela teoria marxiana, expomos as que geralmente são avaliadas como centrais, e o faremos sem pretextar esgotá-las, para em item seguinte delinearmos o que talvez devam ser identificadas como complementações. Mantemo-nos longe da pretensão de transmitir a visão estática, de que teorias formuladas por Marx simulariam um retrato de momentos que o movimento têmporo-espacial estancou, vez que as teorias do movimento estão sempre em movimento; o que é o mesmo que dizer que incontáveis ideias por ele arroladas estão presentes nas componentes da nova síntese, pois no âmbito da dialética materialista os diferentes se interpenetram, intermovimentam, inter-redefinem.

Vejamos as teses:

1) Antes de mais, o item sugere como tese primeira a *economia pensada histórico-geograficamente*[20], a começar pela estrutura fundiária inglesa: as dimensões territoriais e o tipo de embate de classes existente (entre os resquícios feudais execrados por Ricardo, Smith e pelos teóricos da escola clássica da economia), atada à determinada fase do capitalismo (tipificada pela burguesia industrial que se solidificava numa conjuntura concorrencial), sob especial disposição da divisão internacional do trabalho e do poder em níveis da produção (criação do valor) e circulação (realização do valor)[21].

2) Sabemos que por várias vezes a análise marxiana do capitalismo, por conta da tese anterior, foi cunhada como *nacionalista*, e por teóricos como Lênin e Lefebvre.

3) Para muitos, é latente nas obras de Marx a ideia de *espaço homogêneo* (algo destituído dos efeitos estruturais da lógica desigual-combinada de desenvolvimento em nível técnico-territorial); em nada importando o fato dele não priorizá-lo à análise.

4) O sistema econômico desponta a Marx como *modo de produção especificamente capitalista* (MARX, s/d), identificado centralmente no salariamento, nas relações de trabalho tipicamente capitalistas, apenas no início de suas ponderações sendo tachadas como "escravidão salariada", quando, dizem, ele ainda não havia esclarecido a teoria da mais-valia nos textos que antecedem a *Miséria da filosofia*; provável justificativa à alusão de que a expansão do capitalismo a todo o globo geraria o processo de *homogeneização do espaço*, tornando enfadonho e destituído de valor científico algo como o estudo geográfico de espacialidades protoigualizantes, análogas.

5) O *capitalismo é contradição viva* em níveis não-antagônico (capital-capital, trabalho-trabalho) e antagônico (capital/trabalho)[22], com inovações tecnológicas reverberando-se em desemprego, queda salarial e arrefecimento das taxas de lucro, contrariando a economistas clássicos (que criam que a evolução técnica geraria emprego desde que se atentassem às inversões de capital) e neoclássicos (que nem meditavam sobre o lucro).

6) A ideia de *revolução* centra-se nos países centrais, deles irradiando-se à periferia via auxílio tático-estratégico (político, econômico e militar). É prudente realçarmos que a inicial teoria da revolução forjada pelos pais do materialismo histórico-dialético limitava-se à concepção de uma grave crise econômica como seu dínamo-movente, porque no *Manifesto* e nos escritos anteriores a'*O capital* a teoria das crises não estava definida; posteriormente é que intuíram que o estado de crise permanente não corresponde à potenciação da

[20] O itinerário intelectual carrega muito das travessias territoriais, e a vida de Marx é prova cabal disso.

[21] Episódio da dicotomização dos eixos política-economia e produção-realizacão do valor , como a atinente à fundação da empresa colonial brasileira. Quanto ao dualismo: MOREIRA, 1985.

revolução permanente porque a visão que dela possuíam fora insuflada pelos esquerdistas aos quais se aliaram, e só nos textos futuros a revolução lhes transpareceria como evento multidimensional (econômico, político e ideológico). A experiência mal-sucedida francesa serviu-lhes de laboratório vivo.

7) Tese alusiva à relação produção-distribuição na sociedade comunista, suprimindo a privação em prol da hominização, refundando o trabalho como precondição para o desenvolver da omnilateralidade humana.

8) A tese de ser o povo ou a *classe trabalhadora o agente ativo da mudança*, a gravitar o núcleo duro da massa, o operariado fabril, que por achar-se no olho do furacão das contradições despertas entre forças produtivas/relações de produção, onde o movimento é celeríssimo, fruem de distinta potencialidade intelectiva de leitura de mundo, com aptidão à efetivação de práxis de maior largueza.

Das doutrinas em movimento
Pequena crítica marxista aos críticos marxistas da crítica marxiana da Economia Política e de sua superação

Antes de nossas críticas às críticas marxistas ou pseudomarxistas, elucidamos que não utilizaremos a distinção das expressões *marxista* e *marxólogo*, entre outros usada por Raymond Aron e Maximilien Rubel (ARON, 2005, p. 25), inda que o próprio Marx tenha se negado marxista e que inúmeros marxistas tenham se convertido em emissários de partidos políticos oficiais nos Estados soviético ou chinês, pois, afinal de contas, cremos ser infértil a cisão estruturalista entre teoria/prática, como se todo marxista tivesse – no sentido pejorativo do termo – que ser doutrinário, acrítico e servo cego da estatocracia (pseudo, pós ou proto) socialista. Evidentemente que a discussão possui ligação com outra: a das várias vertentes de marxismo, como a advinda de "o grande cisma" fincado nas Segunda e Terceira Internacionais no interior do movimento socialista mundial e a que entremeou os partidos de Estados "socialistas", que passaram a se superautossimbolizar[23]. Diante desse amplo arco, é primordial o entendimento das linhas dorsais do pensamento marxiano, buscando a sua coerência também com o sequenciamento das obras, nos distintos contextos socioeconômicos.

Esbocemos as antíteses, pois, como vimos sinalizando, além de não ter abrolhado crítica ao capitalismo maior que a marxista, a nosso ver, acaso surja, o que é improvável[24], ela terá, no mínimo e indubitavelmente, de dialogar com o marxismo:

1) A primeira tese nos serve de baliza à relativização histórico-geográfica da doutrina marxiana, pois crescem em número e fogem à vista os que a tomam por dogma religioso[25]. O que não significa negá-lo, antes assimilar a substância econômica dinâmico-estrutural ao qual se deteve; isso não autoriza acreditá-lo economicista ou que de modo inábil deixou de verticalizar questões por outros entendidas hoje como vitais (temários culturais, sexuais, etc.). Implica, do mesmo modo, atinar que mesmo na economia sucederam mudanças que nem o mais sagaz dos homens poderia vislumbrar; daí a validez de posturas complementadoras que sigam de onde parou o cerne ontológico legado por seu *método*, que movimenta, interage, conflita e se completa com o movimento do real, até por declarar-se como movimento real do real na mente.

[22] O caráter inelutável que representa a contradição-viva-capital não impede que a contradição figure, sob determinados contextos, como não-antagônica. Para além do estruturalismo, o não-antagônico pode afirmar-se antagônico, tanto quanto é passível a ocorrência do inverso.

[23] Sobre o fetiche do símbolo consta que, sabedor das ações despropositadas que o filho se envolvia utilizando de seu nome, Stálin o conduzira à frente de uma sua imensa imagem, lembrando-o do poder que detinha, maior que eles próprios.

[24] Sartre considerou o marxismo como a filosofia insuperável de nosso tempo (tempo-espaço capitalista, é melhor registrarmos, antes que um idealista lhe acuse de idealismo). Até que provem o contrário, o marxismo porta a filosofia, a ciência e a práxis em seu estágio mais alto.

[25] M. Santos, numa entrevista a uma rede de TV, dizia temer a postura doutrinária marxista, revelando assumir uma postura *marxizante* (Nossa concepção de doutrina, porém, é similar a de Lefebvre e não nega o movimento).

2) Marx pensou o capitalismo a partir da Inglaterra, e o desenvolvimento desigual e combinado dos processos econômicos por vezes surge como que momentâneo, a seguir histórico-linearmente o rumo deixado pelo rastro das economias centrais (e não são poucos os que afiançam ser este um resquício do hegelianismo o influenciando na recapitulação que fez da evolução dos modos de produção, projetando-a à frente[26]). A tese do *desenvolvimento desigual e combinado das forças materiais produtivas*, atinente ao modo de produção, envolve o *desenvolvimento desigual e combinado das forças espirituais regulatórias*[27], situação que se choca com o rol de "marxistas" (influência keynesiana?) que apostam que os universais físicos e metafísicos do capital podem ser esticados a todos os quadrantes do globo[28], como o que rodeia a crença do papel do poder da sociedade civil ante a sociedade política, da extensão – supostamente típica à ordem do capital – de direitos na sociedade do capital. Preceito que evoca dois equívocos: primeiro nos limites *intra*nacionais, vez que contradições não-antagônicas são estabelecidas entre elites que disputam hegemonia e que transmitem suas desavenças às esferas jurídico-políticas do Estado (contradições capital-capital reverberando-se em contradições intraestatais, cujo resultado é o escoamento das divisas ao ralo do lobby mais poderoso) e, segundo, em âmbito *inter*nacional, pela impossibilidade ontológica de extensão progressiva da democracia à sociedade civil, pelo simples fato de a desigualdade combinada do desenvolvimento material das sociedades estimular o crescimento da desigualdade combinada entre desenvolvimento/subdesenvolvimento espiritual, majorando as oposições às camadas políticas de vários países do mundo (até pela ligação estreita que esses políticos têm com agentes transnacionais responsáveis pela dilapidação de recursos e pela má repartição da renda, energizando as contradições antagonísticas no plano capital/trabalho). Por isso que a *ditadura do capital* necessita corriqueiramente consentir com *ditaduras políticas* em várias nações do mundo, opondo-se exclusivamente às *ditaduras não-capitalistas* (como as de países de capital pós-capitalistas, brotadas da explosão de antagonismos na sociedade do capital, que não puderam controlá-los –, ocasião da fundação da *ditadura do proletariado*, traída depois pelo que poderíamos nomear de *ditadura dos burocratas*).

3) Enlaçada à primeira, há a intenção de se querer achar em Marx um tratamento implícito da categoria espacial porque às vezes região, país, continente e demais categorias do gênero (não específicas à Geografia) aparecem em seu discurso. Não existia, no entanto, tal pretensão, inclusive porque a noção de Geografia (ou espaço) hoje existente não condiz a de Marx ou a dos geógrafos da época (adicionemos o fato de os próprios geógrafos oficiais usualmente se proporem a traçar as homogeneidades do espaço, as diferenciações de áreas com padrões internos assemelhados, atributos da classificação regional). Como a todo pensamento o rigor da verdade vez ou outra escapa, podemos dizê-lo, nalguns instantes transparece no alemão a propensão analítica de homogeneização de espacialidades diferenciadas, mormente pela técnica que agia como força padronizante. Importa, entretanto, é que de uns tempos para cá os próprios geógrafos têm-se dividido quanto ao caráter do espaço – instância ou dimensão, ôntico ou ontológico –, tornando despropositada a insinuação marxiana a esse respeito; ademais, cumpre salientar que a força padronizante do capital, ao invés de destruir, conflita vorazmente com os arranjos dos lugares (classes, culturas, ecossistemas, etc.);

4) Pensamos que o modo de produção capitalista, o mais denso e extenso da história, deve ser entendido como *unidade do diverso metamorfoseante*, *complexo de complexos mutante*; e que o salariamento é o cerne mas não tudo. Damos eco à ideia de Chico de Oliveira de que as relações de trabalho não-salariado produzem mais-valor sem deixar de ser capitalista na atualidade, vez que incorporadas no organismo do capital o que outrora representavam relações heterogêneas. O que tornaria o capitalismo camaleônico, ornitorrinco, franksteiniano, englobando salariamento, sub-remuneração, peonagem, tra-

[26] Para uma análise acurada da relativa inevitabilidade do evoluir social: NOVACK, 2008.

[27] A ideia do desenvolvimento desigual e combinado não é, como se pôde notar , circunscrita aos limites endógenos à nação, como é de costume encontrar na literatura marxista.

[28] Segundo Trotsky, "A dialética histórica não conhece nada semelhante ao atraso absoluto ou ao progresso quimicamente puro".

balho não-pago (escravidão por dívida, superexploração, etc.) como mecanismos estruturais, sobretudo, mas não exclusivamente, na periferia, pois o que *fora espontaneamente primitivo* é *moderna e propositalmente acionado*[29]. Indagamos se a capitalização das várias formas de renda, oriunda da produção, reprodução e especulação (imóveis urbanos e rurais, vez ou outra enfiados em pousio mercantil-especulativo), não é o que marca o cenário especulativo-parasitário da economia urbano-globalizada, já que esses núcleos, como epicentros concentradores e catalisadores de excedentes, se concertam à função de espaços umbilicais da intencionalidade hegemônica, servindo à política e economia monopólico-imperialista centrada no vetor-rentista, regido pelo que Marx titulou de *bancocracia*; acaso coloquemos à mesa do debate posições como as de Mészáros (2003, p. 28), de que existem em países como a China e a Índia "enclaves capitalistas" ou "hinterlândias não-capitalistas", devemos ponderar se não é o caso de entendermos que a lógica econômica do capital existe sem se fazer sempre hegemônica para com as demais (vale, devido a isso, a distinção meszarosiana entre capital e capitalismo), ou então, pelo contrário, se isso não comprovaria a inexistência de um modelo puro de capitalismo, a ser copiado pelas demais nações, como espera pensamentos estruturalistas e lineares. O fato é que a lógica do capital cria um metabolismo socioespacial camaleônico, mimetizado, especialmente nas fases históricas em que está centrado na esfera da circulação, ainda que acreditemos que o capital tenha de enfrentar problemas motivados pela inércia geográfica na relação dialética sociedade-território, local-global. Também dissentimos do ideal de que todas as relações que se distinguem da forma-padrão-pura capitalista de países centrais sejam estereotipadas como não-capitalistas ou extracapitalistas, relações impuras que precisariam ser depuradas[30]. Uns acusam essa proposta de integralista, mas a inversa, outrora marxiano-luxemburguiana, não se perfilharia hoje cartesiana? O capitalismo não dista de todos os demais modos de produção ou formações socioespaciais precedentes (inclusive do escravismo clássico, o segundo no posto de extensão territorial já havido) pela capacidade de expandir-se externa e internamente? Sem dúvida, para nós. O fato é que a diferencialidade, não importa o que se diga a respeito da relativa homogeneidade empírico-universal proporcionada pelo meio técnico-científico-informacional e pelos universais metafísicos do capital, criou a supranecessidade do traçar duma logística altamente convincente aos investimentos na geografia das megacorporações. De acordo com os postulados marxianos, o que talvez ainda esteja subentendido é a ideia de o capital estender-se intensificando suas contradições estruturais uterinas, condição que criaria a tensão universal da qual não mais pudesse mitigar e encontrar saída, em nível planetário[31].

5) Outra crítica dirige-se aos críticos da teoria crítica marxiana, os que supervalorizam a conjuntura em relação à estrutura, confiando que os capitalistas não mais explorariam os assalariados, posto que cientes de seu "valor"; sem se atentarem à incontrolabilidade do capital, imaginam que os capitalistas, por consenso de classe organizada e ação do Estado interventor com vistas a manter a demanda, no caso de o desemprego tornar-se perigoso, subtrairiam as inovações tecnológicas para empregar o maior contingente possível do exército de mão de obra (*sic*!), e sem descentrar-se do lucro, como imaginavam os neoclássicos com a teoria "moralística" do emprego-total propositado pelo equilíbrio geral (idealista) da economia (*re-sic*!).

6) Convém, de imediato, negarmos a conservadores e opositores da potencialidade da revolução, os que se ancoram em espólios hegelianos, comteanos ou fukuyamianos e que pregam revoluções como obras de milagre ou feitos míticos do passado, atribuindo a Marx a face de utópico-idealista, de ter conservado traços da juventude hegeliana ou de manter-

[29] Sabemos que esta não é a compreensão de Novack (2008), que ataca a tese de as colônias latino-americanas serem capitalistas desde o início, como quiseram o alemão André G. Frank, o chileno Luis Vitale e o mexicano Alonso Aguilar – grupo que incluiríamos o Caio Prado Júnior. Ver: LÖWY, s/d.

[30] A totalidade do sistema é mais do que o central; o central ajuda na estruturação do sistema, mas não é única e exclusivamente o seu definidor. O central é relativo, porque correspondente histórico-geográfico do periférico, de modo dialeticamente combinado e mutante. Negar isso é cair no estruturalismo.

[31] A ilusão temporário-localizada neoclássica das *vantagens comparativas nacionais globalizadas* nada mais implicam que em *desvantagens cumulativas à classe trabalhadora universal*.

se refém da religiosidade judaica transfigurada em pseudociência, como alardeou o Zeljko Loparic a seu respeito quando o famoso muro berlinense veio abaixo. Ao marxismo a revolução é o movimento com intenção e extensão inovadoras; e como a sociedade classista ergue constantemente novas paredes sociais, que mudam ligeiramente conforme o país (região, cultura, etc.), o movimento irruptivo deve continuamente ser reexaminado. Consciente disso, Lênin enriqueceu e completou a Marx com várias teses (reconhecimento que se estende a Trotsky[32] e outros, num ritmo que seria veloz não fosse a postura reprodutivista, mecânico-direta, de tradição stalinista), como a que se refere ao socialismo na periferia dos galhos fracos da árvore econômica imperialista – embora tenhamos que lembrar que a ideia leninista de revolução russa aspirava ao desenvolvimento das condições materiais de produção capitalista para, daí, prestar-se como inspiração às revoluções socialistas de países centrais. Ocorreu, no entanto, de a revolução irromper por fora dos países centrais antes da incumbência de sua missão histórica, e, com o tempo, os galhos fracos do imperialismo despencaram e o adubo revolucionário exauriu (momentaneamente que seja); como consequência, a conquista do canteiro territorial *socialista*[33], *asiático*[34] ou *pós-capitalista*[35] desmembrou e soçobrou. A história parece evidenciar, até o momento pelo menos, que Marx continua certo e que a revolução permanente se instituirá de vez por todas, essencialmente, nos países centrais. Com certeza seus indícios surgirão primeiro na periferia, mas é essencial instalar-se no núcleo geográfico do sistema para daí ser reexportada às nações satelizadas até tornar-se fenômeno global irreversível que rumará ao comunismo como *formação social* (espacial) *superior da sociedade*[36]. Versando um pouco mais sobre a questão ontogenética da geografia da revolução (*onde* irromperão as derradeiras), quem sabe possamos apostar na quase sincronia do fenômeno da crise em países economicamente centrais e satélites, pois a profundidade com que explode na periferia poderá mostrar-se inevitável de regulação nas praças fortes do capital, efetuando-se quando a exploração de países satélites ou dos que compõem a borda econômica mundial não mais seja utilizada para além do mínimo vital para conter a queda das taxas de lucro (dívida externa, biopirataria, patenteamento de produtos, privatizações de recursos nobres e básicos[37], troca desigual de mercadorias com valores agregados variáveis, etc.), recaindo por sobre o núcleo do próprio central, inicialmente sobre os imigrantes e trabalhadores temporários e os providenciais ilegais (que, às vezes, recebem vista grossa dos governos centrais, controlado o medo dos ilegais "terroristas"), depois com o fim dos serviços públicos que o Estado oferta, até voltar-se a concorrência à própria população nacional e depois por sobre a classe capitalista mais acintosamente, como contradição capital-capital dos poucos restantes megaconglomerados que não mais poderão realizar fusões com vistas a subsidiar a massa total de lucros, objetivando compensar a queda da taxa de mais-valia das mercadorias; assim, a intensificação das contradições eminentemente *inter*nacionais ("terroristas", "governos do mal" ou, quem sabe, dos povos que não saibam preservar o "patrimônio florestal", irremovíveis em ceder matérias-primas e render-se à subserviência) tornar-se-iam *intra*nacionais, *inter*classistas. Ponderações paralelas feitas, mantém-se de pé a tese marxiana matricial até segunda ordem da práxis classista, relativa ao plano histórico-

[32] A importância teórica (relativa ao reforço do papel subsidiário dos camponeses ao proletariado, como os contributos às teorias marxianas do desenvolvimento desigual e combinado e da revolução permanente) e prática (à frente do Exército Vermelho, p.ex.) de Trotsky é conhecida.

[33] "Socialismo real" foi expressão comum voltada à identificação das formações sócio-territoriais de capital pós-capitalistas, especialmente no século 20. Conferir: MOREIRA, s/d.

[34] Em determinado momento pós-revolucionário, Lênin manifestou o receio de que o socialismo se transformasse num modo de produção asiático, com os homens do Estado controlando a sociedade. O que acabou ocorrendo: a revolução tornou-se contrarrevolução.

[35] O conceito é utilizado por Mészáros (2003), mas temos dúvidas de destinar-lhe paternidade, por também o encontrarmos em Löwy (2007).

[36] "O socialismo de Estado fracassa porque um Estado não pode fazer outra coisa senão produzir um espaço estatal (...) Cruzará o umbral quem passar para o outro modo de produção: produção do espaço e não reprodução das coisas no espaço" (LEFEBVRE *apud* MOREIRA, 1985, p. 8).

[37] Basta lembrar que um dos motivos à recente explosão dos movimentos populares na Bolívia redundou da privatização de recursos fósseis e, sobretudo, da água, do direito até à captação durante a chuva.

geográfico de amadurecimento das forças produtivas e revolucionárias[38]. Tão importante quanto o onde é o quando – durante muito tempo fez parte da cartilha revolucionária de países satélites a ideia de tomada do poder logo que findada a guerra econômico-territorial entre as burguesias nacionais, como forma de aproveitar o enfraquecimento do aparato institucional e de aglutinar o ânimo das massas. Temática dolorosa concerne ao sequenciamento histórico proposto por Marx (comunismo primitivo-escravismo clássico-feudalismo-capitalismo-socialismo), por ele não ter previsto que na cadeia entre o capitalismo e o comunismo não estaria o socialismo, interpondo-se nalguns quadrantes o pós-capitalismo ou o regime superior asiático[39], tendo as revoluções se desviado do socialismo e guinado à estatocracia e ao burocratismo. A metateoria não foi tão concretamente coerente[40], pois falsos atalhos tangenciam a estrada que (potencialmente) leva ao comunismo, como formação espacial superior da sociedade (justa distribuição de populações, equipamentos, serviços, terras, recursos e rendas)[41]. Outra problemática alude à revolução e ao medo que a acompanha: teria ela se deslocado da questão do trabalho? Seria o medo por revoluções expressão da derrota proletária final em níveis objetivo e subjetivo? Rejeitamos estas teses. Os acertos de várias teses marxianas receberam reconhecimento até da burguesia de Wall Strett (concentração de capital, geração de vasta pobreza, oligopolização, etc.), daqueles que obviamente silenciam-se ou partem para a zombaria quando o tema é revolução. Em termos conjunturais, entrementes, é quase impossível divisar se outro paradigma regulatório se imporá nas esferas da economia dos Estados-nacionais e de seu secretariado, na burocracia e administração, ou se a crise hodierna é de ordem estrutural e derradeira (Mészáros é um dos que apostam que dos anos 1970 temos nos debatido com a do último tipo). Como Marx anunciou que a luta de classes é que o define, especulações sobre o além-capitalismo caem no terreno das abstrações: se ao invés do socialismo manifestar-se-á então a escravidão do trabalhador, conquanto presentemente amarguemos a escravidão da força de trabalho, salariada e extremamente sazonada (Como vimos, a distinção marxiana entre trabalho e força de trabalho foi cara e demorada, deu-se quando expressões como escravidão por salário e escravidão direta e indireta foram revistas e os modos de produção foram discriminados a partir das circunstâncias em que o excedente é extorquido; clareando a teoria da mais-valia, Marx abdicou da concepção do trabalho assalariado como escravidão capitalista moderna, mas o fato é que uma coisa não anula a outra, já que a escravidão pode ser distinguida em *lato* e *strictu sensu*, e o capitalismo como escravidão inda que temporária e passível de permuta do empregador, além de outras alterações, inclusive porque até que se consubstanciasse em formalmente "livre" e "democrático" a labuta assalariada foi forçosamente imposta como lei contra a "vagabundagem" e "ociosidade", ilustrada pelas ações dos Henrique's VIII e IV, que forçaram "vagabundos" e nômades ao eito compulsório nas oficinas de trabalho forçado). Na centralidade orbital do social, a questão do pós-capitalismo ou escravidão, do socialismo ou barbárie.

7) Concordamos com a ideia marxista. Renegamos a de "marxistas" que, talvez por que sob orientação de planejamentos produtivistas soviético e chinês, avalizam que a premissa da igualdade colocará o planeta frente a um futuro mais sombrio; reexaminando a tese (não-marxiana) da produção-distribuição, sem grandes esforços notamos que jamais Marx mencionou que todos indistintamente terão direitos iguais à produção destruidora. Considerar tal posição implica crer que todos devam indistinta e indiscriminadamente ter

[38] Não nos prenderemos mais ao estatuto (geo)ontológico da revolução: se o olho do furacão é o centro ou a periferia. Marx enalteceu o centro. Trotsky, a potência da periferia (LÖWY, s/d). Lênin (2008, p. 98) arguiu que a simultaneidade de revoluções nacionais é "rara exceção". Para nós, a densidade da globalização e a multicomplexificação do metabolismo capitalista pode negar, na prática, a tese leninista.

[39] Chamamo-lo de modo de produção superior asiático para distingui-lo do czarista. Em nossa tese, rotulamos o modo de produção pós-capitalista soviético de *formação político-espacial pós-capitalista*.

[40] Pudera: ao mudar o metabolismo capitalista que esculpe a física do planeta, transforma-se paralelamente a teoria que dela se tece. Ser materialista é mais que decorar teses do movimento de ontem e outrem, alude à sua construção a partir do presente.

[41] O comunismo não é "a última etapa da história (...) mas é a mais alta etapa hoje concebível". Ir além é fazer "'ficção' científica marxista" (LEFEBVRE, 1981, p. 188-189). Antecipar-se ao fim do comunismo é "querer ensinar matemáticas superiores a uma criança de quatro anos" (LÊNIN, s/d, p. 16).

acesso a aviões, helicópteros ou ônibus espaciais, quando o que deve pôr-se como cerne é o requisito do consumo a serviço da realização plena e desalienada da Humanidade, sem prejuízo ao *oikos* (o que ergue a discussão sobre a técnica da energia nuclear, entre outras). Confundindo *comunismo* e *consumismo* (racionalidade distributivista alienada), creem que o estágio superior da humanidade será tão ou mais prejudicial que o canibalismo capitalista.

8) Os genitores do materialismo histórico-dialético afiançaram que é o povo, a classe trabalhadora ou os potenciais produtores diretos e livremente associados os agentes centrais da(s) revolução(ões), mas em momento algum deixaram de frisar o papel de cientistas, da classe média e dos que se identificam com a causa revolucionária (basta repararmos que Engels provinha de família de significativos recursos), porque disso decorreria assumir postura obreirista, antiteórica e anticientífica. Por isso, eles combateram todos os que negavam vanguardas, lideranças, hierarquia, autoridade e disciplina nos movimentos sociais, assegurando que a vanguarda serve para animar, instruir, ilustrar, educar, conscientizar, para, por fim, se negar (atuando na reeducação popular, em prol da eleição periódica das organizações proletárias ou pela direção coletiva das organizações); tampouco expuseram que a autoridade significa autoritarismo ou segregação base/lideranças, pois tão comum quanto o destaque de proletários das classes baixa e média para servirem a burguesia na administração é o posicionamento dos mais destacados proletários à organização do contraprojeto classista, em prol doutra sociedade (o receio recai tanto sobre o lupemproletariado por questões óbvias de segurança ante o perigo de traição, como por sobre a cultura da camada dos pequenos proprietários, camponeses, etc., que podem afetar a velocidade e os rumos das revoluções). Deve existir, noutras palavras, um miolo duro, aberto *à* base e instituído *como* base (não à toa Trotsky e depois Lênin reconhecerem a centralidade do agente operário, que se valeria do apoio camponês, que, se desertores, espessariam as forças contrarrevolucionárias; além disso, o campo de hoje e agora é cortado, recortado, costurado e tingido por vetores urbano-financeiros e, por isso, a unidade da luta deverá ser tão ampla e extensa quanto internamente coesa[42]). Importa que as alianças sejam articuladas em cada dimensão espaço-tempo, como movimento tático-estratégico de seus principais atores (Quem poderá exercer a autoridade não-autoritária? Quem poderá fixar liderança para desafixar paulatinamente a dominância? É possível trançar uma rede política poli-multi-cêntrica, para dentro e por fora do mundo do trabalho oficial e clandestino?). Talvez, por isso, não devam ser vistas automaticamente como vãs as teses que creditam potencialidade à ação da classe trabalhadora total, incluindo-se os demais proletários, desempregados e o conjunto dos paupérrimos (BETTO, s/d; RIBEIRO, 2001; MASCARENHAS, 2002), pois o presente de um pode ser o amanhã do outro e o local de um (habitar ou trabalhar[43]) o destino do vizinho. Outra vez, novos atores podem entrar em cena... Quanto mais atores, mais teses, mais discussões e menos formalismo lógico[44], maiores as chances para o salto.

Considerações finais

O método, como a ciência, não é religião. Daí, em termos figurativos, ser cada vez mais comum a mudança da visão de mundo, a ponto de não ficar complexo de culpa aos que "trocaram de camisa" ideológica, "partiram para outra" com a "mente vazia" (como fazem os pós-modernos), pois a mudança da (cons)ciência de classe é tão antiga quanto o surgimento histórico das classes.

O problema não está nas formas de pensamentos que a mudança gera e sim no sentido do conteúdo que a direciona, isto é, nas razões, invariavelmente ocultas, de axiomas historicamente criados para pregarem ideologicamente que não existirão socialmente pensares superiores e que a ideia de ideologia deve ser o quanto antes sepultada. Nesses casos, as ideias surgem para matar ideias, o movimento é acionado para frear o ser, o arsenal de

[42] É cada vez mais intensa a mutabilidade geofuncional dos homens-trabalhadores, entre campo-cidade e trabalho-profissão, como versa, entre outros, Thomaz Jr. (2011). Estaríamos, pois, diante do ser ou do estar camponês? Da classe ou da categoria camponesa? Pelos limites do texto, fica a provocação.

ideologias dirigido para destruir ideologias alternativas.

Gerar pré-noções e pré-julgamentos não é o problema; o problema é permanecer nesse nível. A atitude questionante é a solução (como lega-nos a tradição socrática, a dúvida cartesiana, o combate baconiano dos ídolos, os construtos durkheimianos, a dialética marxiana, etc.). O obstáculo condiz com a cisão prática/teoria, com a noção idealista da Totalidade/Homem/Ser[45].

Aos que surfam na marola neoideológica da moda pintada na prancha da "onda rosa" e que trocam alucinadamente de "camiseta teórica", ética e estética, individualidade e coletividade são expressões sociais duais.

Para eles mais vale a validade técnico-economicista, instrumental.

O tempo da velocidade e o espaço da fluidez pouco deixam amadurecer o pensar. Aceleração contemporânea, para Santos (1994); aceleração coespacial, para nós.

Na geografia dos pragmáticos, tecnicistas e tecnocráticos, destacam-se desconstrucionistas e demolidores de linguagem que nada mais propõem do que desmontar idealisticamente o saber e que tão somente desmontam conteúdos por não se incomodarem com os mesmos e nem com a verdade, fazendo a linguagem morrer na língua. Sem nada importante a dizer, ecoam o silêncio dos (nada) inocentes.

Afirma-se que a História findou, o movimento cessou, que o lugar é desimportante e que a dominação territorial não mais existe. Há até os que dizem que o imperialismo acabou ou que daqui por diante a sua expressão será mais político-econômica do que territorialmente direta e possessória. Suposições apenas. Muitas são obras dos novos eleatas, que tentam desacreditar o movimento como possibilidade objetiva. Agentes classistas do velho mundo novo.

Afirma-se que o movimento, caso chegue, não será como preconizara os pais do materialismo histórico-dialético. Nem terá os proletários, explorados ou a classe trabalhadora como sujeitos fundamentais. Tampouco constará o trabalho como elemento digno de menção. Nem as causas, propostas e objetivos originais, como centrais[46]. Os por quês das teses não são desnudados; se o são, tão timidamente que mal dá para enxergá-los.

Passado-presente-futuro coexistem, está certo neste ponto o direitista Gilberto Freire, mas, ao oposto de sua perfumada teoria classista (RIBEIRO, 1997b), o real indica que o novo já está a germinar mantendo em aberto a *questão do comunismo* (SÈVE, 2001), dos sujeitos como *engenheiros das forças sociais* (LEFEBVRE, 1981), que avançam mediante a *práxis*, repensada e reprojetada cientificamente.

Devemos manter distância tanto da via dos ideólogos *idealistas* (para os quais a história avança por duelo de ideias) como dos "alquimistas da revolução" (tachados por Marx como os aventureiros que creem bastar coragem e vontade para mudar o mundo), símbolos dos "revolucionários de boca" (arrematariа Lênin).

Há vários caminhos à transformação e arquétipos enrijecidos podem destruir a unidade-dos-diversos-socioespaciais-alternativos. Ignorância estupidez se avizinham, se isolam, se enterram.

Da inicial oficialidade talvez se possa transpassar a estágios superiores, mais democráticos, pluralistas e livres (RIBEIRO, 1997a), o que requererá tanto o combate a sectarismos direitistas como a esquerdistas (LÊNIN, s/d). A situação deve efetuar-se de maneira desfetichizada nos planos parlamentar e extraparlamentar, já que o capital percorre esses corredores (MÉSZÁROS, 2003). Aliás, foi o que ocorreu na Duma russa pré-1917, com coexistência momentânea de "dois organismos governamentais"(REED, 2008, p. 117). Certamente, a porta de saída não se limita a atitudes minúsculas, individualísticas e defensistas, à moda thoreauniana, não obstante a potencialidade dialética do fortalecimento da partici-

[43] Como que numa volta ao passado, só que num ponto mais alto da montanha da contradição, a flexibilização toyotista tem priorizado o trabalho "autônomo", residencial, fundindo mundo do trabalho e espaço vivido.

[44] É Lefebvre (1995, p. 84) quem nos lembra que o problema do pensamento é o "formalismo lógico" e não a lógica formal, que é tão importante quanto a dialética.

[45] Teóricos como Comte e Durkheim, que evitavam posicionamentos político e moral no fixar de objetivos – acusando-os, como fez o segundo, de serem guiados por "método ideológico" – atuaram no concretar doutra ideologia.

pação da sociedade civil (ver THOREAU, 2007).

O movimento e a dialética são características do *ser*, da *natureza* e da *totalidade*. O imbróglio atual é que o capital muito fez para aprisionar o movimento e a dialética, querendo torná-los *estar natural totalitário*, fazendo o movimento girar em círculo (e aí eles não negam o movimento, domam-no).

Intuitiva ou racionalmente, segmentos sociais ora ou acendem o fogo da contestação, temperam e fermentam outros ingredientes sociais, amassam a massa sem receita melhor que a vontade de saborear algo novo e diferente. As contradições do modo de produção produzem feitios variados de contramanifestações sociais, como que havendo uma sintonia entre as mesmas, ainda que longínqua e assincrônica; esta relativa confusão pode ser notada nas várias frentes das (des)organizações sociais: no turbilhão chamado de *comunista* pelos teóricos, recitado pelos poetas como *primavera* social, nas "ciências ocultas" pressentido como *nova era* astrológica, nas ondas sonoras sintonizado à estação do *novo aeon*, umbral da *sociedade alternativa*, entre múltiplas demonstrações políticas, estéticas, artísticas, educacionais[47], esportivas[48], etc., representativas de necessidades, frustrações e vontades. O ser sente o buraco existencial e suspeita que no colorido mercantil e na ordem estatal não esteja a resposta. Essa é uma das discordâncias da teoria marxista ante as demais burguesas; enquanto as concepções idealístico-conservadoras pregam ideias de autoajuda e saída individual pela luta espiritual, as teorias marxistas revolucionárias pregam ideias de coajuda e saída social pela luta libertário-classista. Mas se faltou muito para a confusão social tornar-se fusão coespacial (retardando-se a união entre campo e cidade, espaços centrais e dominados, meio e todo ambiente, mundos do trabalho e além-trabalho, territórios do trabalho e do lazer, moradas de pais frustrados e de crias desiludidas), mais árdua é a tarefa da negação ontológica de o homem poder direcionar o ser à contramão da estrada classista, como prática político-espacial emancipatória. Para isso, deverá ter como ideal de liberdade um ideal-não-idealista, um ideal-materialista. Precisará o homem atentar que no espaço tensionado pela iminente ameaça de hecatombe nuclear a bifurcação histórico-geográfica de que deve ocupar-se não condiz só com o plano do "socialismo ou barbárie", a que se referiu Rosa Luxemburgo, pois nessa terceira fase do "imperialismo global hegemônico" urge a conscientização da situação da "barbárie se tivermos sorte", conforme capitulação de Mészáros (2003, p. 72, 107-109).

A quebra da corrente da alienação pessoal anda de par com a ampliação do poder sobre o ser e a matéria social, e é imprescindível que esse processo culmine no (contra)projeto espacial das massas. Como qualquer ação do homem é política, até o acender da lâmpada (LEFEBVRE, 1981, p. 51), podemos afirmar que não existem "neutralidade" e "repouso", haja vista que nada fazer é já pôr-se em movimento. Nada é apolítico, nem o silêncio. Pois "Ainda que fossemos mudos e quietos como pedregulhos, nossa passividade seria uma ação (SARTRE, 1999, p. 130). O (não) fazer é (re)produzir, espacializar. O espaço é político. Espacializar é politizar e vice-versa.

Em seu ir-sendo, a geografia deve identificar-se com a teleologização da processualidade espacializada (passado), espacializante (presente) e espacializável (futuro), tendo por guia a relação concreta, causal e dialética, entre prática(meta)teoria.

O espaço-da-prática ortodoxa dominante encontra-se, na atualidade, tensamente combinado com práxis-espaciais marginais, heterodoxas, atreladas dialeticamente aos processos de produção-destrutiva/destruição-produtiva.

Diante da irredutibilidade ontológica da ação do ser, quem vive faz, sempre fará. Quer seja hegemônica ou anti-hegemônica, a geografia incrusta-se na vida das pessoas,

---

[46] Não faz muito tempo, teóricos da direita e marxistas descuidados expunham que o problema dos trabalhadores no capitalismo seria mais de ordem subjetiva (alienação) do que objetiva (subsistência), acreditando que a curta manta do bem-estar a todos e como um todo cobriria.

[47] Certo é que o Reuni é um projeto voltado a inserir as universidades na atmosfera flexível da era mercantil, mas a educação pode ser das portas de implantação da revolução.

[48] É inegável que o jogador-coringa na indústria circense do futebol externa a polivalência toyotista, perseguida na indústria automobilística, mas o futebol pode igualmente ser o portal pelo qual se ventila a democracia, até sob ditadura militar (como ocorreu com um time de futebol paulista no século 20).

saibam elas ou não. Então, resta-nos a opção entre a reprodução (no real e na mente) da geografia oficial ou a perseguição de contrageografias; e as contrageografias deverão sintetizar a intencionalidade e a energia rebelde das heterotopias e das contraespacialidades, que porão, em termos genuinamente marxistas, a geografia no seu devido "lugar": o do movimento catártico, por outro bloco geográfico.

A exemplo da metafilosofia[49], a metageografia[50] deve, pois, posicionar-se como prática-teórica do real e teoria-praticada no real.

A sua realização marcará o intercruzamento entre teoria e ação, formas abstratas e concretas, mental e social, desabrochando a práxis que, apenas por isso, justifica o nosso exercício geoepistêmico.

Quando isso suceder já não existirão muralhas entre juízos de fato/valor, reificações inocentes/alienantes, sensos comum/científico ou, diria o poeta-cientista Marx, ciência/poesia. Montanhas ideológicas soçobrarão; cerros cognitivos é o que parecerão...

Referências bibliográficas

ARON, R. *O marxismo de Marx*. São Paulo: Arx, 2005.

BETTO, Frei. *Fome de pão e de beleza*. São Paulo: Siciliano, s/d.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COUTINHO, C. N. Althusser e o marxismo contemporâneo. In____. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 176-195.

DIAS, E. F. "Erros" de Marx? In____. *Revolução e história*. São Paulo: Sundermann, 2011, p. 171-217.

DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DUTRA, L. H. A. *Introdução à epistemologia*. São Paulo: UNESP, 2010.

GREUEL, M. V. *Experiência, pensar e intuição*. São Paulo: Cone Sul/UNIUB, 1998.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Ipiranga: Loyola, 1993.

____. *Justice, nature and the geography of difference*. Oxford: Blackwell, 1996.

KOSIK, K. *A dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LA BOÉTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LEFEBVRE, H. *Para compreender o pensamento de Karl Marx*. Lisboa: Edições 70, 1981.

____. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LÊNIN, V. I. U. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Global, s/d.

____. Pode haver igualdade entre o explorado e o explorador? In: FELIPPE, W. (org.). *O Estado burguês e a revolução socialista*. São Paulo: Sundermann, 2008, p. 95-100.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez, 2007.

____. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. *Revista Outubro*, p. 73-80, s/d. (http://www.revistaoutubro.com.br/versaofinal/edicoes/01/out01_06.pdf)

MARX, K. *Capítulo VI inédito de O Capital*. São Paulo: Moraes, s/d.

____. *Crítica ao Programa de Gotha*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

____; ENGELS, F. *A ideologia alemã (I – Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MASCARENHAS, A. C. B. *O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora*. Goiânia: Alter-

[49] Lefebvre (1995, p. 32) proferiu ser preciso superar a velha filosofia, a que se perde na busca por metalinguagens, atrás de decodificações absolutas e hermenêuticas soberanas; sua metafilosofia por-se-ia como o elo entre o mental e o social e entre as formas concretas e abstratas.

[50] Os esforços em torno da metageografia não são recentes, nem uniformes; W illiam Bunge e Anuchin o comprovam (SANTOS, 1988, p. 17).

nativa, 2002.

MÉSZÁROS, I. *O século XXI*. Perdizes: Boitempo, 2003.

MOREIRA, R. *O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

____. Do socialismo utópico ao socialismo soviético. *Teoria e Práxis*, nº 5, p. 5-24, s/d.

MORENO, N. Introdução. In____. *Lógica marxista e ciências modernas*. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 21-24.

NETTO, J. P. Prólogo à edição brasileira. In: MARX, K. *Para a questão judaica*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 9-38.

NOVACK, G. *O desenvolvimento desigual e combinado na história*. São Paulo: Sundermann, 2008.

QUAINI, M. *Marxismo e geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

REED, J. História dos sovietes. In: FELLIPE, W. (org.). *O Estado burguês e a revolução socialista*. São Paulo: Sundermann, 2008, p. 113-127.

RIBEIRO, D. Salvador Allende e a esquerda desvairada. In____. *Gentidades*. Porto Alegre: L&PM, 1997a, p. 119-141.

____. Uma introdução à "Casa Grande & Senzala". In____. *Gentidades*. Porto Alegre: L&PM, 1997b, p. 7-90.

RIBEIRO, J. C. *A geografia da escravidão no território do capital*. Presidente Prudente: UNESP, 2001 (Dissertação, Mestrado em Geografia Humana).

____. *A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico*. Niterói: UFF, 2006 (Tese, Doutorado em Geografia Humana).

____. Esboço de uma crítica a algumas teorias da evolução humana: idealismo e positivismo na Geografia do Conhecimento. *Revista da AGB/TL*. Três Lagoas: AGB-seção local, p. 41-60, 2009a.

____. Na unidade dialética entre ética e estética um dos traços da ontologia de Lukács. In: *Anais do III Seminário Científico Teoria Política do Socialismo* (em CD). Marília: UNESP, 2009b.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.

____. O espaço geográfico como categoria filosófica. *Terra Livre*. São Paulo: AGB/Marco Zero, nº 5, p. 9-20, 1988.

SARTRE, J-P. Os tempos modernos. In: BASTOS, E. R; RÊGO, W. D. L. (orgs.). *Intelectuais e política*. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 127-145.

SÈVE, L. A questão do comunismo. *Novos Rumos*. São Paulo: Instituto Astrojildo Pereira, ano 16, nº 35, p. 4-10, 2001.

SOJA, E. W. *Geografias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

THOMAZ JÚNIOR, A. Um olhar autocrítico do trabalho e da classe trabalhadora no Brasil no século XXI. *Revista da AGB/TL*. Três Lagoas: AGB, nº 13, 2011.

THOREAU, H. D. *A desobediência civil*. Porto Alegre: L&PM, 2007.